ISSN: 2358-8829

O ESPAÇO QUE ENSINA: CANTOS PEDAGÓGICOS COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gilvania de Souza Miranda[1]
Anna Letycia Duarte de Oliveira Pimente[2]
Josivalda Claudia Duarte de Arruda[3]

INTRODUÇÃO

A organização do espaço na Educação Infantil participa das condições em que as crianças brincam, estabelecem relações e constroem conhecimentos. A disposição dos móveis, a acessibilidade dos materiais e as possibilidades de circulação interferem nas escolhas cotidianas e nas formas de convivência. Pensar o ambiente educativo, portanto, exige considerar sua relação com a proposta pedagógica e com as experiências oferecidas às crianças. Um espaço destinado à infância precisa acolher o movimento, a curiosidade e a expressão, permitindo que diferentes formas de participação tenham lugar na rotina institucional.

Nesse contexto, os cantos pedagógicos constituem uma possibilidade de organização da sala de experiências. Caracterizam-se pela disposição intencional de materiais e suportes que convidam a determinadas explorações, sem restringir os sentidos construídos pelas crianças. Leitura, faz de conta, construção e artes compõem os cantos mencionados na prática que fundamenta este trabalho. Sua relevância não decorre apenas da existência de setores diferenciados, mas das relações que podem favorecer entre crianças, professoras, objetos e conhecimentos.

O problema discutido consiste em compreender como a organização desses cantos pode contribuir para experiências educativas na primeira infância. A questão envolve reconhecer a criança como participante do cotidiano e examinar as condições concretas de acesso, escolha e permanência nas propostas. Uma sala com materiais diversificados pode continuar centrada nas decisões adultas quando as crianças dependem de autorização constante para utilizá-los. Por isso, analisar o espaço implica observar quem pode transformá-lo, quais iniciativas encontram acolhimento e como a docência acompanha os percursos infantis.

A Base Nacional Comum Curricular apresenta as interações e a brincadeira como eixos estruturantes da Educação Infantil e estabelece os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se (Brasil, 2017). Esses direitos orientam a reflexão sobre ambientes nos quais as crianças tenham oportunidades de agir e de se relacionar. No presente estudo, constituem uma referência para examinar a coerência entre a organização material e a

ISSN: 2358-8829

participação infantil, sem converter cada canto em uma atividade escolar isolada ou em instrumento de treinamento de habilidades.

O objetivo geral é analisar as contribuições da organização de cantos pedagógicos para as experiências de aprendizagem na Educação Infantil. Especificamente, busca-se discutir sua relação com a autonomia e as interações; examinar as possibilidades de imaginação, criação e investigação; e refletir sobre a mediação docente na organização e na revisão dos ambientes. A pertinência do tema reside em sua proximidade com decisões tomadas diariamente pelas professoras, muitas vezes em contextos de recursos limitados e de exigências institucionais diversas.

O trabalho desenvolve uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e reflexivo, tendo como ponto de partida uma prática pedagógica sintetizada em comunicação oral. O relato menciona a organização de cantos de leitura, faz de conta, construção e artes em uma turma de Educação Infantil e indica contribuições relacionadas à participação e às interações. A discussão articula esses elementos à BNCC, às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e à contribuição de Sarmento acerca das culturas da infância. Sustenta-se que a potência educativa dos cantos depende da articulação entre planejamento, condições de acesso e acompanhamento sensível das experiências.

METODOLOGIA

Este estudo adota abordagem qualitativa e apresenta uma análise reflexiva de prática pedagógica. Sua base descritiva é o relato sintetizado no resumo da comunicação oral intitulada O espaço que ensina: cantos pedagógicos como estratégia de aprendizagem na Educação Infantil, de autoria de Miranda, Pimente e Arruda. O material informa a existência de uma turma de Educação Infantil e a organização de quatro cantos de experiências: leitura, faz de conta, construção e artes. Também explicita a possibilidade de escolha, exploração e interação com materiais diversificados.

O alcance da análise corresponde ao nível de detalhamento desse relato. Não são apresentados quantitativo de crianças, faixa etária específica, identificação da instituição, duração da experiência ou transcrições de registros. Dessa forma, o texto não constitui avaliação de impacto nem comparação entre grupos. Não são atribuídos às crianças comportamentos individuais ou falas não documentadas. Os resultados descritos são tratados como indicações qualitativas da experiência relatada, cuja interpretação exige reconhecer os limites do material disponível.

O percurso de elaboração compreendeu a identificação do objetivo da experiência, a sistematização dos elementos de organização dos cantos e o diálogo com as referências explicitadas no resumo. A leitura analítica foi orientada pelas seguintes questões: quais oportunidades de participação são associadas aos cantos; como a presença de propostas simultâneas pode favorecer encontros e escolhas; e qual é a responsabilidade docente na sustentação dessas possibilidades. As perguntas organizam a discussão e não equivalem a um protocolo de coleta aplicado às crianças.

Foram definidos quatro eixos de discussão: participação e autonomia; interações e convivência; imaginação, criação e investigação; e mediação docente e replanejamento. Esses eixos derivam do objetivo e das contribuições enunciadas no relato inicial. Sua utilização permite examinar diferentes dimensões da experiência sem sugerir uma análise categorial de entrevistas ou de diários de campo, instrumentos que não são informados no material de origem. Os exemplos apresentados ao longo do texto têm função explicativa e indicam possibilidades pedagógicas, não episódios observados.

Quanto aos cuidados éticos, o artigo não divulga nomes de crianças, imagens, falas identificáveis ou informações sobre a instituição. O relato disponibilizado não informa aprovação por comitê de ética, razão pela qual não se apresenta número de parecer ou declaração de autorização. A análise mantém-se no plano da prática descrita e de sua discussão pedagógica. Uma investigação empírica posterior deverá explicitar os procedimentos éticos pertinentes ao seu desenho, bem como os instrumentos e as condições de produção dos registros.

REFERENCIAL TEÓRICO

A criança e a organização do ambiente educativo

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil situam a criança no centro do planejamento curricular e reconhecem sua condição de sujeito histórico e de direitos. O documento compreende o currículo na articulação entre experiências e saberes infantis e conhecimentos culturalmente produzidos, tendo as interações e a brincadeira como eixos das práticas pedagógicas (Brasil, 2010). Essa perspectiva fundamenta a atenção ao ambiente como parte das condições de realização do currículo, e não somente como cenário das atividades.

A partir dessa orientação, a organização espacial pode ser analisada pelas possibilidades de ação que oferece. Materiais visíveis e alcançáveis favorecem iniciativas diferentes daquelas produzidas por objetos guardados em armários de acesso exclusivo das professoras. Da mesma

ISSN: 2358-8829

maneira, uma sala que permite pequenos agrupamentos abre condições distintas de um ambiente em que todas as experiências exigem a mesma posição corporal e a mesma forma de participação. Trata-se de compreender que decisões materiais comunicam expectativas e distribuem possibilidades no cotidiano.

O título O espaço que ensina expressa, neste trabalho, essa dimensão relacional. Não se atribui ao espaço uma ação independente das pessoas. Sua contribuição educativa se realiza nos usos, nas negociações e nos encontros que abriga. Um canto pode convidar à leitura e, ainda assim, permanecer pouco utilizado quando os livros não despertam interesse, quando não há tempo de permanência ou quando a circulação é excessivamente controlada. O ambiente precisa ser considerado em relação à rotina, aos materiais e à presença docente.

Também é necessário diferenciar organização e rigidez. A existência de cantos reconhecíveis ajuda as crianças a localizar objetos e a orientar suas escolhas; entretanto, limites espaciais não precisam impedir a circulação de ideias e materiais. Uma construção pode integrar uma narrativa de faz de conta, assim como um livro pode inspirar uma produção artística. Cabe à professora avaliar quando a circulação amplia as experiências e quando requer combinados de cuidado, preservando a possibilidade de transformação do ambiente.

Brincadeira e culturas da infância

Sarmento (2003) discute o imaginário infantil em sua relação com as culturas da infância, contribuindo para reconhecer as crianças como produtoras de sentidos. Essa contribuição permite considerar o brincar como uma atividade em que experiências sociais são interpretadas e reelaboradas. No contexto dos cantos, interessa compreender como os materiais podem adquirir significados diferentes daqueles inicialmente previstos pelas professoras. A análise volta-se, assim, para a relação entre a proposta adulta e os sentidos construídos pelas crianças.

Nessa leitura, o canto de faz de conta não se define apenas pela presença de objetos semelhantes aos da vida doméstica. Sua organização precisa oferecer abertura para personagens, situações e narrativas variadas. Restringir permanentemente a brincadeira a uma única representação de família ou a papéis fixos empobrece as possibilidades de participação. Tecidos, recipientes e outros objetos adequados à faixa etária podem acolher diferentes usos simbólicos, desde que sua seleção considere condições de segurança e as características do grupo.

A abertura de sentidos também se aplica aos demais cantos. Blocos podem compor caminhos, moradias ou estruturas sem nome; marcas gráficas podem acompanhar narrativas;

ISSN: 2358-8829

imagens de livros podem suscitar conversas que ultrapassam a leitura inicialmente proposta. Esses exemplos são possibilidades de planejamento. Sua inclusão demonstra por que a professora precisa observar o que acontece entre a oferta de materiais e a ação infantil, sem exigir que todas as crianças produzam um resultado previamente definido.

Autonomia e intencionalidade pedagógica

Neste trabalho, autonomia é entendida como a possibilidade de participar das decisões cotidianas com apoio e responsabilidade compartilhada. A criança pode escolher um canto e, simultaneamente, precisar de ajuda para integrar uma brincadeira, localizar um material ou negociar seu uso. Reconhecer essa necessidade evita associar autonomia à ausência de acompanhamento. A organização espacial deve oferecer referências compreensíveis e condições para que a participação se amplie conforme os diferentes modos de agir do grupo.

A intencionalidade docente se expressa na seleção dos objetos, na organização do tempo e no acompanhamento das relações. Isso inclui prever materiais suficientes para explorações simultâneas, considerar suas condições de conservação e avaliar as necessidades de apoio. Não basta anunciar que as crianças podem escolher quando apenas uma possibilidade está efetivamente disponível. A coerência da proposta depende de decisões que tornem as alternativas acessíveis e permitam que a professora acompanhe percursos diversos.

Os campos de experiências da BNCC oferecem uma organização curricular que acolhe situações da vida cotidiana e sua relação com conhecimentos culturais (Brasil, 2017). Na interpretação aqui desenvolvida, os cantos podem favorecer articulações entre linguagens, sem estabelecer uma correspondência rígida entre cada ambiente e um campo. O interesse pedagógico está na qualidade das experiências e de seus desdobramentos, e não na classificação de toda ação infantil em um compartimento previamente definido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participação e autonomia nas escolhas cotidianas

O relato que fundamenta o estudo associa a organização dos cantos a uma maior participação das crianças. Essa indicação precisa ser compreendida nos limites de uma síntese qualitativa: não há frequência de utilização dos espaços ou medidas comparativas que permitam quantificar a mudança. Ainda assim, o achado orienta uma discussão relevante sobre o deslocamento de propostas exclusivamente coletivas para uma organização em que diferentes experiências podem ocorrer ao mesmo tempo.

ISSN: 2358-8829

A possibilidade de escolher favorece a expressão de interesses que nem sempre aparecem em atividades dirigidas a toda a turma. Algumas crianças podem desejar observar antes de participar; outras podem retornar a uma exploração já iniciada ou buscar parceria em outro canto. A organização precisa acolher esses movimentos sem interpretar a diversidade de percursos como falta de envolvimento. Participar não significa realizar a mesma ação no mesmo intervalo de tempo, mas encontrar condições de integrar a vida do grupo.

A escolha, entretanto, precisa ser examinada em sua efetividade. Quando um canto reúne materiais mais atraentes ou comporta poucas crianças, podem surgir disputas que exigem acompanhamento. A resposta pedagógica pode envolver ampliar os suportes disponíveis, reorganizar a área ocupada ou construir acordos compreensíveis. O revezamento pode ser necessário em determinadas situações, mas sua adoção automática e rígida pode interromper pesquisas em andamento. A professora precisa considerar tanto o acesso coletivo quanto o tempo de elaboração das experiências.

Outro aspecto refere-se à participação na conservação do ambiente. Localizar, utilizar e guardar materiais pode integrar o cotidiano de modo compartilhado. Para isso, a disposição dos objetos precisa fazer sentido para as crianças, com referências que ajudem a reconhecer os lugares de uso e de armazenamento. A organização deixa de depender somente de comandos adultos e passa a ser compreendida como uma condição para que outras pessoas também possam brincar. Esse processo demanda acompanhamento contínuo e não deve ser tratado como simples exigência de obediência.

Interações entre crianças e professoras

A ampliação das interações entre pares e professoras constitui outra contribuição mencionada no resumo. A presença de pequenos agrupamentos pode criar oportunidades para conversas mais próximas e para o compartilhamento de interesses. Nos cantos, os encontros podem se organizar em torno de um objeto, de uma narrativa ou de um problema de construção. A distribuição espacial favorece possibilidades de relação, embora não assegure, por si mesma, que todas as crianças sejam incluídas nas brincadeiras.

A análise da convivência precisa considerar quem inicia as propostas, quem costuma ser ouvido e quem permanece à margem. Uma brincadeira aparentemente organizada pode concentrar decisões em poucas crianças. A professora pode aproximar-se, ajudar a tornar um convite compreensível ou oferecer um material que permita outra forma de participação. Sua intervenção exige sensibilidade para apoiar o acesso sem substituir as decisões do grupo nem transformar toda negociação em uma atividade conduzida pela adulta.

ISSN: 2358-8829

Conflitos em torno de objetos e de papéis também pertencem a esse processo. A organização de cantos não elimina divergências; oferece situações em que elas podem ser acompanhadas. A mediação pode ajudar a explicitar desejos, reconhecer o uso que outra criança faz de um material e construir alternativas. É necessário distinguir um desacordo passível de negociação de situações de agressão ou exclusão que exigem intervenção imediata. A qualidade das relações depende da presença responsável das professoras.

O vínculo entre professora e crianças também se modifica quando o acompanhamento permite conhecer interesses específicos. Uma aproximação durante a exploração pode revelar perguntas que não apareceriam em uma conversa com toda a turma. Ao mesmo tempo, a professora precisa manter atenção ao conjunto da sala e às condições de segurança. Essa exigência torna relevante o planejamento institucional, inclusive a articulação entre profissionais, para que a organização simultânea de propostas seja viável e pedagogicamente acompanhada.

Imaginação e criação nos diferentes cantos

O resumo aponta a potencialização da imaginação, da criação e da investigação. Esses termos não devem ser tomados como resultados equivalentes ou automaticamente produzidos pela presença de materiais. A imaginação envolve a produção de sentidos e de situações possíveis; a criação pode aparecer na elaboração de narrativas, formas e composições; a investigação se relaciona à exploração de relações, à formulação de perguntas e à experimentação de alternativas. As dimensões podem se encontrar na mesma experiência, mas merecem atenção própria.

No canto de leitura, livros ao alcance das crianças oferecem oportunidades de encontro com imagens, narrativas e diferentes formas de composição. A professora pode realizar leituras, acolher comentários e permitir revisitas às obras. A seleção do acervo precisa considerar qualidade e diversidade, evitando que o canto se limite a um conjunto de livros destinado apenas a ocupar momentos de espera. Seu uso pode incluir leitura compartilhada e exploração autônoma, conforme as condições do grupo.

No faz de conta, materiais variados podem sustentar a composição de personagens e cenários. O desafio docente consiste em garantir repertório sem antecipar todos os enredos. A oferta de objetos pode ser revista quando as brincadeiras se tornam excessivamente repetitivas ou quando determinados papéis são continuamente reservados às mesmas crianças. Essa revisão requer conhecer os usos que o grupo produz e examinar se a própria organização reforça restrições de participação.

O canto de construção permite explorar relações entre peças, superfícies e estruturas. Uma proposta de montagem pode envolver equilíbrio, comparação, posicionamento e transformação. Não é necessário converter cada exploração em exercício formal para reconhecer seu interesse educativo. A professora pode acompanhar tentativas, oferecer suportes e valorizar o processo de elaboração. Perguntas e sugestões devem respeitar o percurso infantil, evitando substituir a investigação pela demonstração imediata de uma solução adulta.

No canto de artes, a diversidade de materiais precisa acompanhar a possibilidade de experimentar. A exigência de produzir um modelo idêntico para toda a turma reduz a abertura da proposta. Papéis, instrumentos de desenho e outros suportes adequados podem permitir diferentes gestos e composições. A atenção docente deve incluir a acessibilidade dos instrumentos, a disponibilidade de superfícies e o cuidado com o uso dos materiais, sem fazer da limpeza o critério principal de avaliação da experiência.

A relação entre os cantos amplia as possibilidades de continuidade. Uma narrativa pode motivar a criação de um cenário; uma construção pode receber personagens; um desenho pode registrar uma ideia que será retomada. Essas articulações são desdobramentos possíveis, e não acontecimentos comprovados pelo relato. Sua análise ajuda a compreender por que os cantos precisam integrar a proposta pedagógica da turma, evitando uma organização em setores independentes que dificultem a circulação de interesses.

Mediação docente e revisão dos ambientes

A organização intencional do espaço, mencionada na conclusão do resumo, exige continuidade do trabalho docente. Planejar os cantos é um ponto de partida que precisa ser acompanhado pela observação de seus usos. Um ambiente pode permanecer visualmente organizado e oferecer poucas possibilidades de exploração. Outro pode exigir rearranjos frequentes para acolher percursos relevantes. A avaliação precisa considerar o que as crianças conseguem fazer, com quem se relacionam e quais obstáculos encontram.

Um aspecto central é o tempo. Propostas interrompidas muito cedo dificultam a elaboração de narrativas e o aprofundamento das explorações. Por outro lado, a permanência prolongada sem acompanhamento não assegura qualidade. A professora precisa observar envolvimento, cansaço, solicitações de ajuda e possibilidades de continuidade. A rotina pode prever retomadas e formas de preservar uma produção em andamento, quando isso for possível nas condições institucionais.

A inclusão também constitui um critério de organização. É necessário examinar circulação, alcance dos materiais, modos de comunicação e condições de conforto. Uma criança

ISSN: 2358-8829

pode precisar de outro suporte para desenhar, de mais espaço para se deslocar ou de uma referência visual para compreender a disposição dos objetos. Essas possibilidades de apoio devem ser pensadas a partir de necessidades concretas, sem estabelecer antecipadamente um canto separado para quem participa de maneira diferente.

A seleção do acervo e dos objetos merece revisão quanto à diversidade cultural e às representações sociais que apresenta. Livros, imagens e brinquedos comunicam modos de viver e de pertencer. A presença de diferentes pessoas, famílias e experiências pode ampliar as referências disponíveis. A decisão pedagógica envolve tanto o que se oferece quanto a maneira como a professora acolhe perguntas e intervém diante de estereótipos ou de situações de discriminação.

A documentação pedagógica é apresentada aqui como um encaminhamento para aprofundar a experiência, e não como procedimento já realizado. Registros breves de situações, produções das crianças e anotações sobre o uso dos materiais podem ajudar a compreender os percursos do grupo. Com os cuidados éticos pertinentes, esse acompanhamento permite fundamentar mudanças na organização. Também favorece o diálogo entre profissionais e com as famílias sobre o sentido das escolhas pedagógicas.

Limites da análise e contribuições para a prática

O principal limite do estudo é a ausência de registros detalhados que permitam examinar episódios e percursos individuais. As contribuições enunciadas no resumo não autorizam afirmar que todas as crianças participaram da mesma forma ou que os cantos produziram determinados avanços de desenvolvimento. Tampouco permitem estabelecer uma relação causal entre a mudança espacial e as aprendizagens. A análise evidencia a pertinência pedagógica da proposta, mantendo a distinção entre achados relatados e possibilidades discutidas.

Mesmo com essa delimitação, o estudo contribui para tornar a organização do espaço objeto de reflexão docente. Em vez de avaliar os cantos somente por sua aparência, propõe-se examinar acesso, participação, continuidade e qualidade das relações. Essas dimensões podem orientar reuniões de planejamento e revisões coletivas do ambiente. Também permitem reconhecer que materiais simples podem compor boas propostas quando são selecionados com cuidado, embora a criatividade das professoras não substitua a necessidade de condições adequadas de trabalho.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho analisou a organização de cantos pedagógicos como possibilidade de ampliar experiências de aprendizagem na Educação Infantil. A prática sintetizada na comunicação oral indica contribuições relacionadas à participação, às interações e aos processos de imaginação, criação e investigação. A discussão desenvolvida permite compreender que essas contribuições dependem das relações entre organização espacial, materiais, tempo e mediação docente. A presença física dos cantos constitui uma condição de oferta, cujo sentido educativo se realiza no cotidiano.

Em relação ao objetivo proposto, conclui-se que os cantos podem favorecer escolhas e encontros quando as alternativas são acessíveis e quando as professoras acompanham os diferentes percursos. A autonomia precisa ser apoiada, os conflitos precisam ser mediados e as iniciativas infantis precisam encontrar condições de continuidade. A organização de leitura, faz de conta, construção e artes deve manter abertura para articulações, evitando restringir as experiências a usos fixos dos materiais.

A contribuição do estudo para a prática está na proposição de critérios de reflexão sobre o ambiente: observar quem participa, quais escolhas são possíveis, que apoios são necessários e como os interesses das crianças repercutem no planejamento. Esses critérios ajudam a reconhecer o espaço como uma dimensão da proposta pedagógica e a revisar decisões que, embora pareçam apenas materiais, afetam a vida coletiva e o acesso às experiências.

As conclusões permanecem circunscritas ao relato disponível. Estudos posteriores poderão acompanhar a organização dos cantos ao longo do tempo, explicitar os procedimentos de produção dos registros e examinar como crianças de diferentes idades participam das propostas. O aprofundamento dessa investigação poderá oferecer evidências mais consistentes sobre as condições em que os ambientes favorecem a participação. Reafirma-se, assim, a importância de planejar espaços que acolham a brincadeira e de revisá-los a partir das relações efetivamente construídas pelas crianças e suas professoras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília, DF: MEC, SEB, 2010. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 27 out. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017. Etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

ISSN: 2358-8829

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. Cadernos de Educação, Pelotas, n. 21, p. 51–69, jul./dez. 2003. DOI: https://doi.org/10.15210/caduc.vi21.1467.